

OS CAMINHOS E O DIREITO ÀS ESCOLHAS DE UM GRUPO. A EXPERIÊNCIA DE TRABALHO NAS “FUNÇÕES DE PRETO” NA CIDADE DE UBERLÂNDIA¹

Luiz Carlos do Carmo²

RESUMO: Este artigo aborda a presença de um grupo de homens negros trabalhando em postos específicos do mercado de trabalho formal da cidade de Uberlândia entre os anos de 1930 até por volta de 1970. A reflexão busca compreender qual o papel das atividades no universo de trabalho da época, e como um grupo de homens, com características físicas comuns, ocupara quase a totalidade dos postos dessas atividades e construíram uma dada forma de relação trabalhista.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência de trabalho. Separação espacial. Memória.

ABSTRACT: This article approaches the presence of a group of black men who worked in specific positions of the formal labor market in the town of Uberlândia, between the 1930s and the early 1970s. In this reflection we try to comprehend what role these activities played in the working universe of the time, and how a group of men with similar physical characteristics were responsible for filling the majority of those positions, as well as creating a certain form of working relation.

KEYWORDS: Work experience. Geographical separation. Memory.

¹ Este artigo traz elementos de pesquisas que se combinam ao longo dos anos. Agradeço ao apoio financeiro do CNPq, FAPEMIG e CAPES que possibilitaram a construção da reflexão que segue.

² Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia, mestre e doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Curso de História e Coordenador de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão.

Durante a graduação no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, numa combinação de exercícios de pesquisas históricas, um conjunto de diálogos com homens e mulheres que se envolviam com a organização dos festejos de Nossa Senhora do Rosário, da cidade de Uberlândia, permitiam-me, dentre outros pontos, perceber que os participantes daquela prática social, em sua grande maioria a população negra local, valorizam-na e estabelecem com ela uma relação afetiva estreita.

Do movimento inicial de aproximação daquela intenção de pesquisa, dos apontamentos e da compreensão que se estabelecia, percebia-se que os diversos níveis de envolvimento e disposição com as atividades do Congado local, ano após ano, aos poucos encerravam aspectos que se espraiavam a outras dimensões do cotidiano daqueles sujeitos.

A relação dos homens e mulheres com uma prática social contém em si questões diversas. Das análises de suas intenções antropológicas, muitas vezes a-históricas³, em que as ações e escolhas das pessoas aparecem como elementos capazes de caminhar do passado ao presente e aprisionar os indivíduos; às proposições que procuram vislumbrar os sentidos e escolhas do presente, que combinam leituras e disposições ancoradas em experiências sociais diversas, avaliadas e compreendidas sobre situações do passado⁴, tem-se que os envolvimento sociais dos gru-

³ Nesse sentido, resumidamente, dentre outros ver Radcliffe-Brown e sua proposição de delimitar a estrutura social e o seu funcionamento a partir das relações sociais estabelecidas pelos diferentes sujeitos sociais. Para o autor, discípulo de Durkheim, a vida social é a demonstração de um processo que evidencia o funcionamento da estrutura, que é o determinante para a continuidade do social. Dessa forma, o funcionamento de uma sociedade denota a sua capacidade de concatenar as diferentes atividades que corresponderiam às funções necessárias para a sobrevivência social.

⁴ Dentre alguns exemplos, a disposição do grupo de compreender determinadas *ocasiões dotadas de alguma herança imemorial, elas (as diversas celebrações sociais) têm — mesmo sob uma aparente semelhança — dia, hora, lugar, sujeitos vários e predicados transitórios, significados mutantes e (inevitavelmente) polissêmicos, capazes de expressar mudança e o movimento*. A história social da cultura permite o diálogo com uma vasta gama de materiais

pos populacionais combinam aspectos importantes dos momentos vividos e das disposições sociais dos envolvidos que não podem ser separados.

A intenção de diálogo tão somente com as posições dos homens e mulheres que faziam as comemorações do Congado da cidade de Uberlândia, apontava para aspectos diversos de um complexo conjunto de vivências e experiências, tais como: a construção de redes de troca de informações entre conhecidos; as regras de vínculos, cobranças e obrigações entre amigos e parentes; as estratégias relacionais que envolviam as pessoas próximas, dentre outras formulações sociais datadas, que ultrapassavam e ampliavam os limites da dimensão religiosa das comemorações de Nossa do Rosário.

A existência das Celebrações de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Uberlândia e de muitas outras no Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do Sudeste do Estado de Goiás, dentre outros apontamentos que dão conta dessa prática social nos Estados de São Paulo, Espírito Santo e Pernambuco despertavam-me para a complexidade social que cercava a opção de um grupo de pessoas na referida cidade mineira.

Da nova disposição, procurei refletir não apenas sobre as lógicas internas das Celebrações de Nossa Senhora do Rosário que perduram e ou as que se modificam ao longo dos anos. Interessei-me pela razão das escolhas históricas que encerram uma parcela da vivência; das escolhas históricas possíveis, as efetuadas e/ou as recusadas pelas pessoas que, nos dias atuais, enveredam por essa prática social e dão continuidade a um conjunto de atitudes que se atualizam a cada ano.

Nesse empreendimento de pesquisa, a reflexão sobre os mais variados aspectos que cercam esses sujeitos fora uma condição importante. As observações sobre o conjunto de construção do

e perspectiva de buscar o entendimento das escolhas e das ações dos sujeitos. Ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Camavaís e outras f(r)estas*. Ensaios de História Social da Cultura. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 18, 22.

possível, ao longo do tempo de existência desta prática social, combinavam elementos outros que se somavam às decisões, às escolhas de atuação no interior de cada um dos ternos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. A visão inicial de compreensão deste ou daquele aspecto do Congado uberlandense, de sua história centenária, da razão da presença de um conjunto de homens e mulheres, que parecem não abrir mão de seus propósitos de encontrarem e ou construir brechas para continuar com as comemorações do Rosário, ficara no passado. Em seu lugar, a clareza de que não seria possível compreender as motivações de uma dimensão da vida, sem relacioná-la com as demais influências, pressões, medos, experiências e memórias que são importantes para o grupo⁵.

No movimento de pesquisa, ao entrevistar homens e mulheres que pudessem discorrer sobre a existência de um exemplar da revista *Uberlândia Ilustrada*⁶ e o jornal *A Raça*⁷, abordando questões relativas às intenções para montar um jornal e publicar um exemplar da referida revista e do jornal, obtive relatos de aspectos raros do relacionamento entre negros e brancos na cidade de Uberlândia, em suas diversas conjunturas. Destacam-se lembranças acerca das situações de preconceito vividas, das difíceis construções discriminadoras cotidianas e da segregação espacial existente entre brancos e negros, nas ruas e praças da região central de Uberlândia.

⁵ A princípio, a data de origem, comumente aceita nas rodas de conversas e pesquisas dos diversos campos do conhecimento, das comemorações da Festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Uberlândia remete a 1874, e a estruturação da Irmandade, a 1888, quando Manuel Francisco funda o Terno do Sainha, o mais antigo em atividade.

⁶ A revista *Uberlândia Ilustrada* foi uma publicação que procurava destacar, dentre os vários segmentos sociais uberlandenses os seus principais expoentes. O exemplar de 26 de junho de 1956 é destinado aos homens e mulheres negros locais. Este é um importante registro de uma compreensão da época, uma das poucas que faz menção aos homens e mulheres negros.

⁷ O jornal *A Raça*, publicado em 10 de novembro de 1935, possivelmente chegou a Uberlândia por intermédio da Frente Negra Palmares.

Dentre os vários relatos que sinalizam as muitas formas de convívio que caracterizaram o relacionamento entre brancos e negros na sociedade de Uberlândia no período, instigaram-me, particularmente, as declarações acerca de situações e envolvimento que faziam com que os entrevistados pronunciassem a frase literal ou expressões que remetem a algo como as “funções de preto”⁸.

As “funções de preto”, de acordo com os relatos iniciais, pareciam ser um conjunto de atividades em que os homens negros da cidade de Uberlândia estariam atuando, em sua esmagadora maioria, em detrimento da presença de trabalhadores de outros segmentos sociais desta localidade. Os apontamentos remetiam aos trabalhos no interior das máquinas de arroz, nos curtumes, nos calçamentos das ruas, nas charqueadas, nas olarias, nas pedreiras, nas fábricas de banha e o trabalho de movimentação de cargas junto à companhia férrea local. As observações dos entrevistados davam, em alguns momentos, o final dos anos de 1930 até a aproximação dos anos de 1980, como o período em que estas atividades possuíam alguma importância e a presença deste quadro fora considerado como significativa desta característica.

Um conjunto de atividades do mercado de trabalho, da economia uberlandense, em que a presença dos trabalhadores negros teria sido maioria e ou total, quando comparado à presença de trabalhadores outros, presente nas lembranças de homens e mulheres. Como compreender os apontamentos em relação ao trabalho, a inserção na relação de trabalho local, por elementos que não os estritamente ligados à produção? O que havia nas avaliações do conjunto de homens e mulheres que os fazia trazer

⁸ Apesar de toda a discussão e do não consenso em torno dos termos negros, pretos, mulatos no interior das reflexões na academia e também em parte do movimento negro, continuarei a utilizar o termo da forma como os entrevistados pontuam-no nas entrevistas, fazendo as ressalvas que julgar necessárias. Nesse caso, uso o termo “funções de preto”, porque é assim que os entrevistados o fazem e é fundamental para a proposta deste artigo.

aos dias atuais as afirmações acerca das “funções de preto”⁹?

O contato com as comemorações do Congado de Uberlândia, a clareza da necessidade de ampliação da preocupação inicial de se descortinar aquela atmosfera de festividades, somada ao registro acerca das funções de preto, compôs um quadro de possibilidades de investigação e análise como poucos.

Desse quadro, várias indagações foram possíveis, tais como: quais seriam as atividades denominadas de “funções de preto” no mercado de trabalho uberlandense? Haveria, de fato, a predominância da presença do trabalhador negro em algumas atividades, ou esta era apenas uma forma de expressão, utilizada por homens e mulheres, rememorando o passado imaginado, ou este fora um acontecimento, um produto das relações entre os grupos que compuseram uma parte da história desta localidade?

⁹ Este é um período em que, no debate acadêmico, as discussões e a produção do conhecimento histórico brasileiro, que se pautavam pela centralidade do trabalho como elemento-chave de compreensão das questões sociais, sofria transformações. Dentre as mudanças, a eleição de novos agentes de entrada da reflexão histórica não podem ser reduzidos a uma lista e uma abordagem de nota de rodapé. A intenção é pontuar um registro do ocorrido, e apontar para o entendimento de uma direção trilhada, após a mudança, sabendo que há e sempre haverá outras compreensões possíveis. Em linhas gerais, o deslocamento pode ser visto, dentre outros trabalhos, a partir do livro de José Murilo de Carvalho, *Os Bestializados*; o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Nesta reflexão, o autor chama a atenção para outras formas de cidadania e participação popular que os até então compreendidos e aceitos. Três anos antes, Eder Sader, com o seu doutoramento, aborda as proposições políticas dos movimentos sociais da cidade de São Paulo, de forma igualmente nova. A capacidade de politizar as diversas iniciativas de donas de casa, a luta pelas melhorias nos bairros, dentre outros pontos, ganharam a condição que somente era destinada a outros agentes sociais (cf. SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988). São apenas dois livros que podem ser vistos como parte de um movimento maior que somou esforços e deslocou, ampliando, a compreensão de que somente o trabalhador organizado em sindicatos, partidos, orientado por intelectuais diversos, dentre outros, poderia propor transformações sociais diversas na sociedade.

Dentre as questões, destacava a indagação a respeito do modo como as relações internas de uma economia como a brasileira — que enfatiza caminhar nos modelos das relações capitalistas, e não de outra formulação social¹⁰, que, para a sua dinâmica, não necessita da feição dos empregados, nem de outro critério para a sua contratação “ escolheria um conjunto comum de trabalhadores, e não uma seqüência de contratações pessoais.

Da prática social das Celebrações de Nossa Senhora do Rosário, tem-se elementos como a presença marcante de um grupo social, materializada num momento de extrema “visibilidade sonora” quando o som das vozes negras, diariamente silenciadas, acompanhadas dos sons dos diferentes tambores, dos patangomes, das gungas e outros instrumentos se fazem notar, antes mesmo de sua chegada ao centro de Uberlândia; visibilidade gestual, quando os corpos negros revelam-se e revezam-se, no ar, num movimento de saudação e respeito aos sentidos e disposições sociais; visibilidade da compreensão que perpassa passado, presente e futuro, quando se tem o prazer de transitar pelas ruas centrais e revelar a devoção sem a vergonha de expressar que uma graça fora alcançada; visibilidade valorativa do grupo a que se vincula, quando se permite perceber a todos que interessarem que aquele ritual lhes tem valor, faz parte do seu mundo; visibilidade de uma proposição emocional partilhada, quando da passagem dos ternos de Moçambique, ao som do patangome e movimenta-se o corpo, sensibiliza-se, e se é tomado de uma emoção única; entre outros importantes momentos desse envolvimento.

Assentada a perspectiva de observação anterior, pesquisei aspectos da relação do contingente de trabalhadores negros e o mercado de trabalho na década de 1990, na dinâmica social da

¹⁰ As relações internacionais, nos anos de 1930 e anos seguintes, pós-queda da bolsa de Nova Iorque, revolução de 1917, movimentações no interior da Europa, legalização em 1922 do partido comunista brasileiro, colocam um componente de reafirmação da condução da lógica econômica brasileira, de modo a não parecer que por aqui, a implementação das medidas econômicas seguia a lógica capitalista, sem sobressaltos e ou modelos alternativos.

cidade de Uberlândia. Numa pesquisa preliminar, após percorrer o distrito industrial, as empresas de pequeno, médio e grande porte da cidade, percebi que os trabalhadores negros estavam localizados, em sua maioria, em postos de trabalho com características claras. Encontrei-os, como que aglutinados, trabalhando em estabelecimentos de saúde (principalmente nos postos do “pequeno escalão”), na construção civil, na lida com as sacarias e nos serviços domésticos. Tais elementos pareciam confirmar uma divisão dos postos de trabalho local, aparentemente na linha do que se fazia presente quando os trabalhadores falavam das “funções de preto”.

Das leituras de autores como Natalie Zemon Davis¹¹, Eric Hobsbawm¹², Edward Thompson¹³, Raymond Williams¹⁴, José Murilo de Carvalho¹⁵, Sidney Chalhoub¹⁶, Maria Clementina Pereira Cunha¹⁷, dentre outros, juntei elementos a partir de dados do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, vinculado ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e outros que com-

¹¹ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

¹² HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções; Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997; Idem. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; Idem. *História social do jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007; dentre outros.

¹³ THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; Idem. *A miséria da teoria ou planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981; Idem. “Tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial”. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). *Por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre/RS: Ed. Artes Médicas, 1991. p. 44-93; Idem. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; Idem. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001; dentre outros.

¹⁴ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979; Idem. *Campo e cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados; o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁶ CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*. São Paulo. Companhia das Letras, 2003; Idem. *Cidade febril; cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

binados, confrontados, cotejados permitiram compreender que uma parte do contingente de pessoas negras entrevistadas figurou, por ocasião da existência das “funções de preto”, no cenário urbano de Uberlândia, com todas as marcas que o seu histórico cultural encerra. Esses homens e mulheres receberam um arsenal de informações, composto da avaliação das regras que regulavam as relações estabelecidas até então da seleção das memórias das gerações anteriores, das compreensões daquela conjuntura e de uma disposição própria do grupo. Essas pessoas foram os construtores diários de relações e negociações que buscaram formular novos signos, significados e valores da cultura do grupo que se formava, bem como da resignificação e adequação dos mesmos às novas tendências e necessidades. Nessa perspectiva, as reflexões de Raymond Williams são inspiradoras, pois apontam que:

As comunidades específicas e os locais específicos de trabalho, exercendo poderosas e imediatas pressões sobre as condições de vida e de ganhar a vida, ensinam, confirmam e, na maioria dos casos, finalmente impõem significados, valores e atividades.¹⁸

A partir destas proposições, era de suma importância encontrar as apontadas funções em que o trabalho do contingente de homens negros, de acordo com os relatos, combinando as pressões do dia-a-dia com os valores e significados próprios. Dentre o universo de diálogo da pesquisa, o trabalho de investigação foi elaborado tomando as fontes orais em entrevistas como ponto de partida. As observações dos entrevistados nas conversas enceraram elementos para além da materialidade vivida, fornecendo a oportunidade de serem analisados como:

¹⁷ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do Carnaval entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras; Idem (org.). *Carnavais e outras f(r)estas*. Ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora Unicamp; Cecult, 2002.

¹⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979. p. 121.

[...] representações sociais, como conhecimento no cotidiano: os seus conteúdos firmam-se nas experiências dos trabalhadores [...] no passado. São sensações, interpretações e significados que se diferenciam da vivência e da consciência, embora estejam nelas imbricados.¹⁹

A pesquisa voltou-se para o levantamento de um conjunto de homens e mulheres que viveram a experiência de atuar nas “funções de preto”, ou que acompanharam os parentes próximos, os maridos, os amigos, envolvendo-se e relacionando-se com tudo que cercava aquele ambiente, e que nos dias atuais, possuem razões próprias para a construção da memória à sua maneira. Assim, o convívio com os entrevistados e suas visões, permitiu ainda, além de perceber os possíveis equívocos e “distorções” da memória do grupo de homens e mulheres negros pesquisados, compreender a riqueza das experiências vividas, que podiam ser um recurso, ao invés de se constituírem num problema²⁰.

Não é difícil perceber que as recordações acerca dos principais elementos da cidade de Uberlândia nesse período variaram de acordo com cada um dos entrevistados. As preocupações vividas são (re)elaboradas, interpretadas à luz de um conjunto de fatores e preocupações que lhes acometem na atualidade, e não deixam de contribuir para compor esse mosaico acerca da cidade da época. A memória de cada entrevistado revela também a sua pré-condição na dinâmica da percepção e do pensamento, aglutinando fatores compostos por uma complexa fusão de elementos da sua disposição no grupo, do aprendizado social, dos choques emocionais e culturais, entre outros elementos, numa constante interação²¹.

¹⁹ SANTABA, Charles A. *Fartura e Ventura Camponesas*. Cotidiano e migrações – Bahia 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998. pp 22-23.

²⁰ THOMSON, Alistair. “Os críticos da História Oral. Os debates sobre a memória”. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Carlos Chagas, 1996.

²¹ NIETHAMMER, Lutz. “Conjunturas de identidade coletiva”. *Revista Projeto História*. São Paulo, PUC-SP, n. 15, p. 131, abr. 1997.

Pude relacionar, sem muita dificuldade, 23 depoentes, e um número maior de entrevistas, além de utilizar uma entrevista do acervo do Arquivo Público Municipal, e um expressivo número de longas conversas.

A seguir o nome dos entrevistados e algumas possibilidades de exploração de seus depoimentos. No entanto, não sem agradecer-lhes mais uma vez a contribuição, a paciência e o carinho com que me relataram suas experiências de vida desde meados dos anos de 1990, sempre com cordialidade, franqueza, muitas vezes surpreendidos pela emoção, nunca se furtando a conversar e dividir interpretações do seu passado. Espero, sempre, tratar suas recordações, interpretações e reelaborações das situações vividas, e que comigo foram divididas, com respeito e à altura da confiança que foi estabelecida entre nós.

Principais entrevistados na época da pesquisa:

Senhor João Batista, 68 anos, morador do bairro Jardim Brasília, casado; trabalhou junto da sacaria. Articula lembranças acerca da localização das máquinas de arroz, do universo interno de trabalho, da relação entre os donos das máquinas e os trabalhadores, nomes (na verdade, apelidos) dos companheiros de trabalho, entre outros.

Senhor José Francisco de Souza, 68 anos, morador do bairro Santa Mônica, viúvo; atuou junto aos curtumes e à charqueada. Relembra as formas inventadas para se proteger da agressividade de trabalhar com o couro e o charque, naquelas condições, pontua ainda as dificuldades do trabalho do período, e as facilidades trazidas pelo progresso.

Senhor João Matinada, 70 anos, morador do bairro Dona Zulmira, casado; trabalhou junto à charqueada e à fábrica de banha. Conhecedor dos dois universos de trabalho contribuiu com relatos acerca do número de trabalhadores negros no interior desses postos de trabalho. No tocante à charqueada, passou a sua vivência nesse universo, enfocando basicamente os laços de amizade, o convívio com os colegas de trabalho e o desgaste sofrido, além da fatalidade de perder a visão de um olho, que lhe ocorreu no interior de uma charqueada.

Senhor Baltazar Melo, 69 anos, morador do bairro Brasil, casado; trabalhou junto aos curtumes e à charqueada. Seus relatos estão marcados pela vivência rotineira com o trabalho no qual o cheiro forte do lidar com produtos de origem animal está presente; os produtos químicos utilizados para tratar a pele a ser curtida, as estratégias para sofrer o menor desgaste, entre outros momentos daquela conjuntura vivida são articulados com facilidade.

Senhor Florípedes Caetano, 77 anos, morador do bairro Martins, casado; trabalhou junto à sacaria e à charqueada. Relata acerca dos salários, das ocupações que existiam, das questões referentes às demandas, aos desacertos entre empregados e patrões, além dos universos de trabalho em questão.

Senhor Joaquim Alves, 83 anos, morador do bairro Martins, casado. Não trabalhou diretamente em nenhuma das funções, porém sempre se relacionou com pessoas que trabalhavam, como parentes e amigos. Proporcionou-me a possibilidade de interpretação e análise da conjuntura numa perspectiva singular.

Senhora Irene Silva (infelizmente já falecida), na ocasião da entrevista tinha 70 anos, moradora do bairro Martins, viúva, zeladora de Santo. Concedeu-me relatos de uma riqueza incomum, variando desde a descrição das refeições dos meninos negros que ficavam sob sua guarda e responsabilidade durante o dia de trabalho dos pais, até as perseguições da polícia aos cultos, além da possibilidade de se pensar a religião afro-brasileira como elemento constitutivo da dinâmica e dos modos culturais do viver de homens e mulheres negros, entre outros elementos.

Senhor José Maria Rosa, 64 anos, morador do bairro Planalto, casado; trabalhou junto à olaria e ao calçamento de rua. Possibilitou o acesso ao universo de interpretações que se formaram a partir da vivência de trabalhar nessa atividade, e outras possibilidades.

Senhor Valdir Andrade, 73 anos, morador do bairro Planalto, casado; trabalhou junto à olaria, à charqueada e à sacaria. Seus relatos, além da caracterização das funções, estão voltados para as relações com os companheiros de trabalho que também eram, em sua maioria, integrantes das comemorações da Festa do Rosário.

Senhora Maria Elpídia, 62 anos, moradora do bairro Osvaldo, casada, zeladora de Santo. Como a mãe, senhora Irene Silva, sua contribuição está voltada para os aspectos da religiosidade negra do período, uma das principais formas de se buscar ajuda para resolução de problemas variados que, entre outros fatores, também eram influenciados pelas condições materiais por eles enfrentadas, bem como pela lógica funcional do período e pelo produto do embate, das tensões advindas do relacionamento entre os trabalhadores negros e os detentores da forma produtiva do momento.

Senhor Eurípedes Malaquias, 69 anos, morador do bairro Brasil, casado; possuiu uma pequena pedreira, conhecedor das atividades junto ao curtume, a charqueada e a olaria. Proporcionou-me a possibilidade de ter contato com as estratégias defensivas, principalmente no tocante à saúde; nomes de chás e ervas, e exemplos de muita devoção católica aparecem com frequência em suas observações.

Senhor Adão Rodrigues, 67 anos, morador do bairro Planalto, casado; trabalhou junto à charqueada e morou no bairro Patrimônio. Comentou sobre a impossibilidade de se tocar demanda, reivindicar direitos elementares, entre outros aspectos presentes nos seus relatos.

Senhor Irineu Agostinho, 68 anos, morador do bairro Tibery, trabalhou junto à charqueada e à sacaria. Descreveu, com riqueza, esses dois universos de trabalho, além de deixar transparecer suas relações com as comemorações da Festa do Rosário e a Irmandade dos Homens de Cor de Uberlândia.

Senhora Balbina, faleceu em 2007 aos 105 anos, na época moradora do bairro Jardim Brasília, viúva (o marido trabalhou junto à charqueada, à olaria e ao calçamento de rua; um dos filhos atuou junto à sacaria e ao curtume). Invejável capacidade de recordar do marido, atuando junto aos calçamentos de ruas (popularmente conhecidos como pés-de-moleque), e também da atuação do filho junto à sacaria e ao curtume, além de lembrar-se da Festa do Congado, dos Centros de Umbanda e Candomblé. Detentora ainda de uma lista interminável de nomes de pessoas que

viu crescer, casar, morrer, com capacidade ainda de se lembrar do nome dos pais de boa parte dessas pessoas, e do local onde moravam.

Senhor Antônio Flávio, 72 anos, morador do bairro Santa Mônica, casado; trabalhou junto à charqueada e ao curtume. Relatos primorosos, não só na caracterização das funções em que atuou, mas também dos detalhes das dificuldades proporcionadas pela sazonalidade, marcada pela escassez de trabalho, e conseqüente declínio das condições de vida das pessoas, que eram obrigadas a lançar mão de uma variada seqüência de estratégias para enfrentar o período.

Senhor Francisco Eugênio, 76 anos, morador do bairro Brasil, viúvo; trabalhou junto ao curtume e à olaria. Atuante nas comemorações da Festa do Rosário, seus relatos transitaram com facilidade das funções para questões como a segregação na Praça Tubal Vilela, no bar da Mineira, “lugar onde preto não entrava”, entre outros elementos.

Senhora Teresa Tavares, 74 anos, moradora do bairro Martins, viúva (o marido trabalhou nas olarias e no curtume). Relatou e interpretou com facilidade as condições de trabalho que o marido enfrentava.

Senhor Tomaz Augusto, 70 anos, morador do bairro Roosevelt, viúvo, zelador de Santo. Esse ex-funcionário da Companhia Mogiana conheceu de perto o trabalho dos saqueiros, além de ter tomado contato com os trabalhadores das demais funções, no seu centro de Umbanda.

Senhor Herberto (falecido há aproximadamente seis anos) na época da entrevista contava com 76 anos, morador do bairro Martins, casado, advogado e ex-funcionário do Banco do Brasil (aposentado), foi o primeiro negro da região do Triângulo Mineiro a trabalhar no referido banco. Conhecedor das mencionadas “funções de preto” e de pessoas que nelas atuaram, das estratégias, do modo de vida das pessoas envolvidas na conjuntura em questão, suas observações possibilitaram uma série de reflexões.

Senhora Vanilda Silva, 60 anos, solteira, moradora do bairro Aparecida, teve irmãos que trabalharam na sacaria, conheceu pes-

soas que trabalharam na charqueada. Articulou lembranças do período em que as máquinas de arroz e os trilhos da Companhia Mogiana ocupavam a região central de Uberlândia, bem como das relações com os vizinhos, o trato com as crianças, a ajuda aos parentes, os bailes, entre outros momentos.

Senhor Feliciano Sebastião de Oliveira²², morador do bairro Osvaldo, reside em Uberlândia desde 1947; trabalhou junto às máquinas de arroz, relembrou com facilidade dos momentos em que a economia da cidade era pautada pelas atividades em que estavam inseridas as “funções de preto”.

Senhora Delfina, moradora do bairro Martins, zeladora de Santo, com inúmeros filhos e intenso trabalho comunitário. Possibilitou-me a inicial compreensão, como a mãe Irene Rosa e outras zeladoras de Santo, da complexidade estabelecida entre a vida material e as divindades dos orixás.

Senhor José Luís, morador do bairro Martins, trabalhou junto ao calçamento das ruas, lembrando com facilidade da presença do grande número de trabalhadores negros nessa atividade. Ainda tem o domínio sobre informações acerca da produção, do rendimento, das medidas dos “pés-de-moleque”, bem como da ordem de calçamento das principais vias da cidade.

Senhor Sebastião Gomes²³, 80 anos, morador do bairro Martins, casado; trabalhou junto à fábrica de banha e curtume. Caracterizou as atividades com desembaraço, os sofrimentos, os salários, os companheiros de trabalho, bem como os momentos de diversão nos pagodes no bairro Patrimônio, os passeios na Praça Tubal Vilela, no centro de Uberlândia, as sessões de cinema, as roupas de linho, os ternos, os sapatos, entre outros elementos.

²² Infelizmente não consegui precisar a idade de todos os entrevistados.

²³ Entrevista efetuada pela equipe do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, no dia 08 de junho de 1990.

As funções de preto — a inserção no mercado de trabalho

A entrevista com o saudoso senhor Herbert, aposentado do Banco do Brasil, profundo conhecedor das pessoas e das relações que marcaram o período; quando perguntado sobre as atividades em que predominavam a presença e a inserção do trabalhador negro, no mercado de trabalho local, relata que:

o trabalho rude era nosso ... olha eu num tenho vergonha de falá eu trabalhei em açôgue e já tinha o ginásio, carreguei lata de reboco. Pra mim não foi fácil não... pra mim nunca (a entonação é de cansaço, e entrecortada por um suspiro longo e um quase relaxar de missão cumprida) foi fácil. (HERBERT, fev. 1999)

O entrevistado, apesar de possuir uma formação escolar privilegiada para a maioria dos trabalhadores, não conseguiu, nesse período, superar a difícil construção de convivência desse mercado de trabalho, sendo impelido a trabalhar em atividades em que a sua instrução, mesmo rara para o momento, não lhe permitiu galgar outros postos de trabalho. Na mesma perspectiva, quando perguntado sobre os postos e as condições de inserção no mercado de trabalho na cidade de Uberlândia, outro entrevistado, o senhor Adão Rodrigues aponta que:

o serviço tudo era penoso, num tinha, assim era muito difícil o cê vê assim, uma pessoa, gente da nossa cor tê um serviço assim, ainda até hoje é difícil cê vê, na época de quarenta e cinco, cinqüenta, até sessenta, era difícil. Então o serviço que tinha era esse, serviço penoso, quando num era charqueada, era fábrica de banha, era mexê cum pedra, fazê calçamento... e não tinha um branco sequer, esse era um serviço de nego ... era uma função de preto. (ADÃO RODRIGUES, set. 1998)

A partir do relato acima, tem-se que nas funções exercidas pelos trabalhadores negros então, a charqueada, a fábrica de banha e o calçamento das ruas *não tinha um branco sequer*, esse

era um serviço de nego... era uma função de preto. A explanação do senhor Adão é uma dentre muitas que se referem a uma forma de trabalho, na cidade de Uberlândia, sistematizada com elementos que parecem ir contra a impessoalidade da lógica capitalista de produção.

O relato do senhor Adão Rodrigues, acerca das condições de inserção no universo de trabalho e da segregação entre trabalhadores negros e brancos prossegue, descrevendo com facilidade os afazeres e a sua atuação, a sua trajetória de trabalho no interior da charqueada Omega, no bairro Patrimônio, o que merece destaque ao apontar que, no dia-a-dia:

eles estendia a carne, dali duas horas, eu começava a recoiê aquela carne do varal, eu ia catano aqueles cavaco que caía, sempre arrebetava, eu catava aquilo e lavava... aí eu começava sete hora... parava cinco hora... com quinze ano, aí eu mudei, comecei (trabalhar) na matança, ajudando lá, trabaia de praiheiro, praiheiro é lavá, com a lata, pegava água ia lavá aquele sangue que caia, aí depois eu aprendi trabaia de faca, desposta, aí cê tinha que i treis hora da madrugada, naquele tempo fazia frio, nós naquele tanque gelado, que daqui (com a mão na altura da cintura) ficava gelado, que era descalço... trabaia o dia inteiro descalço... antigamente era assim. (Adão Rodrigues, jul. 1992)

Os anos de experiência e a forma com que encara o vivenciado, na ocasião da entrevista, transparecem na facilidade com que o entrevistado narra as etapas de sua inserção no universo de trabalho local. Durante anos a fio, o trabalho na charqueada esteve presente em sua vida e, com o rememorar da atualidade, se prende aos aspectos negativos e degradantes da atividade, como o sofrimento causado pelo frio nos tanques de água, o horário de trabalho iniciado na madrugada, evidenciando as difíceis condições de trabalho que vivera.

A falecida senhora Balbina, cujo marido trabalhou nas olarias, nas charqueadas e calçando as ruas da cidade, nas entrevistas e conversas articula lembranças acerca dessa última atividade de-

sempenhada pelo marido, e permite perceber a maneira como as pessoas chegavam a casa ao final de um dia de serviço junto ao calçamento das ruas:

O povo que trabaivava com o pé-de-moleque (calçamento de rua), tinha que ser forte, muito forte. Imagine só, o dia inteiro ali no meio da rua acertano o chão, cavano, colocano terra, colocano o pé-de-moleque, e socano com um soquete desse tamanho ó (coloca os braços em forma de um círculo à frente do corpo, tentando demonstrar a dimensão do instrumento de trabalho, neste movimento aparenta dimensionar um raio de cerca de oitenta centímetros) o dia inteiro, é, (pequena pausa, para respirar) meu marido chegava em casa triste, só nego pra agüentá. (Balbina, set. 1998)

Ao narrar suas lembranças, a entrevistada o faz aparentando algum pesar, os olhos voltados para o chão, e a pausa na voz refletindo um misto de vergonha pelo marido ter tido que passar por aquelas condições, e orgulho, por ter sido casada com alguém que se preocupava e [...] *num iscoia serviço não* [...] (Balbina, set. 1998), para viabilizar os meios materiais de sobrevivência e a segurança da família.

Em linhas gerais, ao que parece, a atribuição necessárias para a lida nessa “função de preto” é que [...] *tinha que ser forte, muito forte* [...] (Balbina, set. 1998). Assim, as revelações da entrevistada, mesmo sem nunca ter trabalhado nessa atividade, apontam para uma condição de trabalho extenuante. Ao que tudo indica, o fato de ter sido casada com uma pessoa que trabalhara com o calçamento de rua, as charqueadas e as olarias, ser mãe de dois filhos e possuir sobrinhos que transitaram nesse mercado de trabalho anterior, somado à lida junto às máquinas de beneficiar arroz, nas cargas e descargas das sacarias, nos curtumes, dentre outras atividades, permite-lhe lançar uma perspectiva como poucas acerca dessas atividades e do estado das pessoas após um dia de trabalho nessas funções.

Mas, apesar de a senhora Balbina ter convivido, no plano familiar, com o marido e três filhos; e no âmbito externo com mais

pessoas que trabalharam nessas e, certamente, em outras atividades, e de compreender a maneira como chegavam à casa, de saber de parte das práticas, brincadeiras, lógicas e regras do universo de trabalho do marido e dos conhecidos, a entrevistada pode não ter percebido que, diante das circunstâncias e sentidos do mercado de trabalho, essas pessoas, ao contrário do que revelara anteriormente, *escolhiam serviço sim*, que lhes permitissem conquistar uma melhor condição de vida, mesmo diante de situações de trabalho aparentemente extenuantes.

As atividades no interior das fábricas de banha locais, aparecem nos relatos como um dos ambientes de inserção no mercado de trabalho, marcado, sobremaneira, pela forma como se abatiam os animais. O senhor João Matinada trabalhou num desses estabelecimentos, e descreve o seu interior e as etapas do seu dia-a-dia de serviço:

[...] de manhã cedo, o ce tocá lá eles (o conjunto de porcos a serem abatidos) tinha o matadô de porco, né? Matadô de porco pa matá, eu que era o matadô de porco lá... Tocava lá, daí eu moiava eles (os porcos), jogava eles, limpava eles tudo. Mais aí, com a marreta, vinha com a marreta matano os porco, com a marreta. Tinha aqueles porco brabo (bravo), que eles pegava eles na brabeza lá em Goiás, ah se abusasse eles murdia na gente (a voz encorpa e tensiona o sentido, aparentemente dando os contornos da dificuldade e riscos que corria) ... É, murdia. Eles (os porcos) via o cê assim, ficava mastigano pa ti, pa ti mordê. Aí cê tinha, pa acabá, tinha acudi eles primero, matava eles primero. Se dexasse eles por último se num matava eles depois, cê tinha que matá eles primero, os brabão primero. Era cada porcão que era um bitelo. Um cachaço que era um bitelo. Aí cê tinha que matá ele primero pra depois acudi, pa matá os oto. Dali tinha muitos (trabalhadores) lá pa tirá o coró, otos ia desmancha tirava o toicim, já tinha o, o que fritava o toicim, já tinha oto lá em baxo pa tirá os torresmo quando matava, quando fritava, dalí mandava a banha pra cima, já tinha oto lá em cima pa enlatá as banha. Enlatava as banha tudo e dalí ainda tinha oto fazedô de lingüiça, ele fazia aquelas lingüiça pa mandá pra

fora. (João Matinada, fev. 1999)

O relato do entrevistado possibilita pensar na variedade de atividades que eram desempenhadas numa fábrica de banha. Ao revelar as etapas da atividade de forma seqüenciada, ou seja, matar o porco, tirar o toucinho, fritar o torresmo, enlatar a banha, fazer a lingüiça, o faz com absoluto desembaraço, dando visibilidade também ao domínio do trabalhador das etapas do processo de produção da banha e demais derivados. Do mesmo modo que permite compreender que matar porcos a marretadas, e as outras atividades desempenhadas numa fábrica de banha caracterizam um ambiente de trabalho de difíceis condições.

Da mesma forma, o trabalho no interior dos curtumes, junto às atividades da lida com as peles verdes e com todo o processamento que as levaria à condição de couro curtido é relembado como um trabalho de difícil execução. As colocações do senhor Francisco Eugênio, que trabalhou muito tempo nessa atividade, permitem perceber como era trabalhar no curtume, e o que isso representava. Quando perguntado sobre o trabalho nos curtumes responde: *não sei se você sabe, mas até hoje, só trabalha em curtume quem não consegue trabalho em outro lugar, naquela época era pior, se você largasse o curtume ia fazer o quê?* (João Matinada, fev. 1999)

A partir das considerações do entrevistado, tem-se uma aparente falta de prestígio e de valorização social do trabalho e do trabalhador nos curtumes, além de possibilitar compreender que não eram muitas as oportunidades de trabalho oferecidas aos trabalhadores negros desse período. E, ainda assim, em alguns momentos, os trabalhadores que conseguiam adentrar no mercado de trabalho eram obrigados a se sujeitar às condições que as funções exigiam. No caso dos trabalhadores dos curtumes, a escassez, ou ausência de equipamentos de proteção andava junto do mais alto grau de condições adversas e degradantes por que esses trabalhadores tinham que passar para desempenharem suas atividades. E o depoente segue revelando:

Hoje a pessoa vai pro curtume até melhorar a situação, depois vai caçar outra coisa, porque é um cheiro muito ruim, muito forte, tem que ter estômago... naquela época não tinha máscara não, não tinha luva, era tudo ali, na força. (Francisco Eugênio, set. 1998)

Nessa situação, marcada pelo cheiro característico, pela exigência de uma capacidade física para suportar as desgastantes condições daquele ambiente de trabalho, tem-se, mais uma vez, a aparente evidência da falta de oportunidades de emprego para o trabalhador negro, num mercado de trabalho que já se mostrava disputado. O trabalho nos curtumes era uma atividade em que o desgaste e as condições de trabalho dificultavam a vida do trabalhador, num grau como poucos. Esse desgaste sofrido pelos trabalhadores negros pode ser percebido nas próprias referências dos entrevistados ao cheiro muito forte e ruim daquele ambiente, e ainda, pode ser acrescido pela característica ausência de empolgação das pessoas ao lembrar do período de trabalho nessa atividade, normalmente denunciada pelos gestos e voz sem muita vibração que acompanham esses trechos dos depoimentos, pelas inúmeras retomadas e os quase silêncios que se manifestavam nesse rememorar.

As funções de preto — estratégias e avaliações

Do conjunto de apontamentos dos entrevistados, emanam referências relacionadas às estratégias elaboradas e vivenciadas por esses trabalhadores frente às condições de trabalho da charqueada, a lida nos tanques de água salgada, utilizados para o processamento da carne, às atividades nas olarias, nos curtumes, nas fábricas de banha, nos calçamentos das ruas, dentre outras alusões às “funções de preto”. Os apontamentos feitos pelo senhor Antônio Flávio instiga a pensar na variedade de soluções buscadas por essas pessoas:

sabe o que a gente fazia pra podê enfrentá aquela vida de lavá a carne as três da madrugada, com aquele frio, que só vendo, che-

gava tê uma fumaça sobre os tanques, tirava a roupa trabalhava ali naquele frio lavando as carnes do dia anterior, as sete (horas) a gente saía, passava um cordão no corpo, é um cordão pra tirá a manteiga ia pra casa, chegando em casa a gente tomava um café, misturado com muito fedegoso²⁴, era o que valia, era o que valia a gente, e fé, fé em Deus. (Antônio Flávio, set. 1998)

O depoimento fornece pistas para analisar a capacidade desses trabalhadores negros em buscar soluções pautadas no conhecimento e em saberes, pouco difundidos, próprios do grupo, para atenuar as condições de trabalho do período. A utilização do café de fedegoso como estratégia, para impedir o maior desgaste do corpo, podia ser algo conhecido e até difundido entre as pessoas, no entanto, o ato de acreditar na sua utilização e efetivá-lo quotidianamente é muito diferente.

Pode-se pensar numa combinação de fatores que parece ser próprio desse grupo de trabalhadores e que auxiliam na compreensão da sua majoritária presença nessas atividades, que apontam para além do atrelamento simplista para com o legado da escravidão, que se refere à capacidade de contornar as duras condições de trabalho, a partir da utilização de tradições e suas culturas, dos modos de vida.

Para além da histórica ocupação de postos, às margens da economia urbana no interior do Brasil, e a reedição do preconceito para com as ocupações marcadas pela presença do trabalhador negro, é possível inferir, analisando o mercado de trabalho da época, que as ocupações para trabalhadores “comuns”, negros e brancos, sem uma qualificação sistematizada e específica, eram compostas, em sua maioria, por atividades em que o desempenho envolvia, diariamente, grande esforço físico, destreza e uma cora-

²⁴ Fedegoso é uma leguminosa, planta que frutifica em vagem, comum na região. Os relatos dos mais antigos apontam que o uso dos grãos de fedegoso torrado, em substituição ao café, se dava em momentos de absoluta falta de mantimentos, ou como remédio, principalmente, contra gripes, resfriados e outras situações.

gem para trabalhar em condições em que o desgaste do trabalhador era praticamente inevitável.

Há que se considerar, que o universo de possibilidades de trabalho no período, para a grande maioria dos trabalhadores, era de inserir-se em funções em que o corpo seria solicitado a desempenhar trabalho, por horas a fio, a partir da força física e de alguma destreza conseguida com a rotina de execução da atividade, com o acompanhamento dos trabalhadores mais experientes, e pouco mais.

As atividades de trabalho nas “funções de preto” implicavam em condições desgastantes, mesmo que compensadoras em face dos melhores salários, como as charqueadas e as sacarias, principalmente, que exigiam dos trabalhadores interessados em auferir os possíveis rendimentos, a capacidade em lidar com aquelas condições.

Os trabalhadores negros tiveram que desenvolver estratégias eficazes que lhes possibilitassem amenizar o desgaste sofrido, tais como, “um café misturado com muito fedegoso” e coragem de conviver com a prática de ganhar a vida, de modo honesto, mesmo que, para isso, trabalhar em uma condição difícil, como a retratada no ato de passar “um cordão no corpo, é um cordão pra tirá a manteiga” depois do expediente.

Dentre inúmeros exemplos, destaco as atividades nas olarias, que aparecem nos depoimentos como uma atividade também de difíceis condições de trabalho, como observa o senhor José Mendes:

era um dinheiro muito bem ganhado, muito trabaiado, muito movimentado... ce já pensô, (pequena pausa, aparentemente não para se lembrar melhor, mas para acomodar os sentidos e verbalizar a situação vivida), ce pensa, ranca o barro, leva pra massera e massá, levá pro... lanceadô é difíci [...] (José Mendes, ago. 1998)

Compreende-se que as condições de trabalho nessa atividade, que vieram à tona nas lembranças do entrevistado, remetem, mais uma vez, para a dificuldade vivida pelos trabalhadores ali

inseridos. A partir das observações do senhor José Mendes, referindo-se ao [...] *dinheiro muito bem ganhado* [...] pelo trabalho executado nas olarias da época, pode-se pensar no grau de exigência que essa atividade requiritava para as diversas etapas da produção dos tijolos e outros artefatos cerâmicos.

Nesse mesmo sentido, o senhor José Mendes segue esclarecendo sobre o trabalho nessa atividade:

o trabalho na olaria não tinha graça,... no campo a gente enchia a carga das carroças, dos caminhões, tudo na enxada e pá, não tinha máquina pra cavar, não tinha não. Quando a gente achava um barranco com barro bom, tinha que tirá tudo, fazia de tudo pra tirá, as veis cavava tanto, mas tanto, que quando via o barranco tava encima da gente, eu ouvi história de gente que morreu soterrado... um dia aconteceu, eu parei de tirar o barro e fui embora, no outro dia o barranco tinha caído no lugar que eu estava. (José Mendes, ago. 1998)

As atividades nas pedreiras próximas à cidade de Uberlândia, nesse período, também endossam o conjunto de opiniões acerca das dificuldades por que passavam os trabalhadores inseridos nas “funções de preto”. O senhor José Luiz, assim se refere às condições de trabalho dessa atividade:

ih, era duro, num era, ó (com a voz ganhando em volume) fazê o paralelepípedo, cortado manualmente, com umas ferramenta assim ó, (nesse instante usa as mãos para me ajudar a compreender a forma do instrumento usado) tipo, tipo taiadera e marretinha pequena, e tinha que sê rápido, num podia fica alisano não, porque era pago por miero (milheiro). (José Luiz, fev. 1999)

Pelo que revela o entrevistado, pode-se imaginar que os trabalhadores negros inseridos nos trabalhos das pedreiras, além de conviverem com as duras condições diárias da atividade, necessitavam da capacidade de elaborar e/ou adquirir um conjunto de técnicas que lhes possibilitasse a destreza, a habilidade com as

ferramentas que dariam o formato desejado às pedras comercializadas.

Certamente, esses são exemplos dentre as práticas constituintes do universo das ciências do cotidiano dessas pessoas, das quais lançavam mão, e que, uma vez passadas nas relações do dia-a-dia dos moradores/trabalhadores, contribuíam para a construção desses espaços de trabalho marcados pela presença de trabalhadores negros.

As funções de preto: a questão dos rendimentos

Do conjunto de relatos emana, num primeiro olhar, a compreensão de que para os trabalhadores negros sobrava apenas a fração mais penosa, mais difícil e desgastante desse mercado de trabalho uberlandense. No entanto, paralelamente às condições difíceis dessas atividades, e de boa parte desse mercado de trabalho para os trabalhadores das charqueadas, das sacarias, das máquinas de beneficiar arroz e do calçamento das ruas importantes atividades para a economia do período “ encerravam-se possibilidades de ganhos salariais que poderiam promover uma relativa tolerância, não às condições de trabalhos desses locais, capacidade que independe da etnicidade do trabalhador, mas a uma intenção, compreensão de se ganhar dentro das possibilidades dispostas naquela conjuntura.

E mais, de modo geral, as condições de trabalho contidas nas “funções de preto” não destoavam muito das de um amplo segmento do mercado de trabalho que se utilizava dos braços do trabalhador, exigindo pouca ou nenhuma leitura, mas reclamavam sim, possivelmente, capacidade cultural, algum sentido de grupo, partilha dos segredos e estratégias para se lidar com as condições dos espaços de trabalho, dentre outros aspectos. E nesse ponto, não se pode desconsiderar que a atmosfera de tratamento social do grupo de homens e mulheres negros, no geral, é um importante elemento social que se espraia, dos recônditos diversos, e podem sim terem chegado ao universo do trabalho.

A maneira comum como o senhor Adão Rodrigues, a senhora

Balbina, o senhor Herbert e outros entrevistados narram as inserções e atuações pessoais de parentes e de conhecidos nas referidas “funções de preto” permitem pensar que as condições de trabalho não eram nada fáceis. Num segundo momento, indago sobre outras possibilidades de serviço na cidade, se havia outros locais para trabalhar, e o senhor Adão Rodrigues responde que:

tinha, mais antigamente o serviço tudo era penoso, num tinha, assim era difícil o cê vê assim,... ainda tá difíci, cê vê, na época de quarenta e cinco, cinquenta, até sessenta era difíci... o serviço, por exemplo, do povo, né! era aquele serviço trabaia de servente, servente naquela época era muito difícil, era tudo no braço, né? Lata o dia interinho. Era até em otas tarefa e aí, de sessenta pra frente as coisa foi evoluino, já foi mudano e já foi facilitano. (Adão Rodrigues, jul. 1997)

De acordo com o entrevistado, o trabalho na roça, a construção de cercas e poucos outros serviços associados às “funções de preto” constituíam o universo de trabalho da maioria das pessoas comuns do período. Em uma análise dos 224 estabelecimentos industriais do período²⁵ e dos relatos dos entrevistados, a presença de meios que minimizassem os desgastes sofridos com as jornadas de trabalho nas demais atividades desenvolvidas na cidade não é lembrada.

As referências aos vencimentos dos trabalhadores negros junto às “funções de preto”, podem ser divididas em dois grupos: as atividades que possibilitavam uma melhor remuneração, e as que a remuneração não saía do lugar-comum às demais daquela economia. Analisando esses dois aspectos, compreendi os fatores que envolviam homens, mulheres e crianças negros que se relacionavam com essas atividades. Dessa forma, o conjunto de atividades do período, composto pela atuação junto às charqueadas, às sacarias, às máquinas de beneficiar arroz, e o calçamento das

²⁵ Fonte: *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia/MG, 07 out. 1948.

ruas, o trabalho de extração de pedras junto às pedreiras são atividades lembradas como propiciadoras de se auferir um bom rendimento.

Para as pessoas envolvidas, as “funções de preto” permitiam construir as possibilidades efetivas de ganhar a vida. Em algumas dessas atividades, obtinham-se os melhores salários. E, a partir daí, conseguir os intentos e os objetivos de uma vida, perseguidos por boa parte de uma geração de trabalhadores negros, significava para esse grupo de pessoas a motivação para trabalhar.

Alguns elementos históricos desse enredo parecem mal acomodados. Como um grupo de pessoas, que aparentemente são marginalizadas no mercado de trabalho urbano recente do país, aparece na cidade de Uberlândia, no cerne das disputas por postos de trabalho, colocam-se, vencem algumas etapas dessa disputa, negociam, e tentam transformar seu trabalho em meios para viabilizar as necessidades, os projetos de vida, os prazeres, enfim, o transformam em meio de ascensão social, em condições de vida.

Para a maioria dos entrevistados, aquele também era o tempo das possibilidades, da construção do futuro, que atualmente é o presente vivido; assim, as opções feitas ao longo desses anos, e as respostas buscadas para as condições da época refletem as estratégias para alcançar os meios, os projetos de vida elaborados diante das condições vividas na cidade de Uberlândia, desse mercado de trabalho e da disputa que se estabelecia para nele se inserir.

Os apontamentos dos entrevistados revelam que uma parte dos rendimentos desses trabalhos era destinada para necessidades materiais básicas e diárias, e possibilitava, também, a esses homens e mulheres negros, a materialização do desejo de apresentar-se e vestir-se do jeito que desejavam. Assim, pergunto ao senhor João Batista se na atividade de saqueiro, junto às máquinas de beneficiar arroz, realmente se ganhava mais, um pouco a mais, ou se a diferença era realmente substancial, considerável. Ele, sem hesitar, afirmou:

Não (com entonação acentuada). Muito mais, num tinha nem jeito. Naquela época, que eu te falo assim (para, pensa um breve instante e conclui), se a gente tivesse sigurado deiz ou quinze por cento do'ca gente ganhô, hoje num pricisava trabalhá não. (João Batista, ago. 1997)

Vislumbra-se, nas digressões do senhor João Batista a respeito do pagamento ao trabalho dos saqueiros e sua importância estratégica nos elos da economia, que de alguma forma, esses trabalhadores negros conseguiram inserir-se no mercado de trabalho e viabilizar ganhos salariais.

E, assim, indago ao senhor João Batista acerca do que se comprava, para além das necessidades materiais, com os salários dessas atividades, e ele relata:

im nosso serviço nós... a gente cum dois dia ganhava, o serviço que ganhava nu mês, de serviço nós trabaia ali com pressa de qualquer jeito, nós saía qualquer hora ia lá no, nas loja, saía atrais de dois corte de pano pa gente mandá, mandá fazê terno, as veiz lá na Afonso Pena tinha um lin puro²⁶ que a gente naquele tempo era lin (linho) memo que falava a verdade, a gente tinha, 'não eu prciso pa sábado que sábado, o eu minha namorada, coisa, e a gente sabe que ela vai pintá e coisa assim²⁷. Intão é, é isso que a gente conhece truque dos nego daqui, trabaia nesse tipo de serviço é onde, é o valor do dinheiro, tá intendo? (João Batista, ago. 1997)

A convivência na época e a experiência dos dias atuais com as atividades do período permitem que o entrevistado revele um conjunto de respostas às condições de preconceito e segregação racial e pontue que [...] *im nosso serviço* [...] havia a possibilidade de, em dois dias, conseguir ganhos que em outras atividades da

²⁶ Loja denominada "Linho Puro", especializada na venda de linho e outros tecidos.

²⁷ Nesse momento o entrevistado gesticula e permite perceber que falava com os balconistas da loja de tecidos como quem não pede um favor, mas como alguém que pode pagar pelo que pediu, apesar dos preços desses tecidos.

época levaria um mês de trabalho, e/ou assim poder responder, a seu modo, às necessidades materiais, bem como, elementos como a vaidade e o conforto pessoal, como revelado acima, comprando linho e mandando fazer ternos. Ainda assim, pergunto ao entrevistado sobre a sua forma de gastar os vencimentos, caso se diferenciava dos demais trabalhadores da sacaria, e ele responde:

é, ó, muitos gastava cum pingaiada, agora eu nunca fui de, esse negócio de pingaiada, meu negócio era mulher mesmo e vисти e calçá e passíá e pagode, esse tipo de coisa. Eu vисти..., eu, eu vисти tudo o que eu quis e calcei tudo o que eu quis eu usei demais o cromo alemão, eu usei o crocodilo que é, ele era mais caro que o cromo alemão, o canguru²⁸, isso era os meus, meus calçado d'eu calçá era isso. O canguru, sabe, tinha, muitas veiz vinha cor mel. Quando chegava mel, eu, se eu num tinha naquele dia²⁹, podia falá que tinha chegado que eu ia lá pa comprá, vinha preto e mel, de todo jeito eu, eu usava, o meu negócio era esse... Eu toda vida tomava minha cervejinha mais era assim, esse negócio de passá de duas num passava fácil não. Eu nunca amanhici na, na mesa cum a muierada pagano, pagano bibida pa muierada, não. Nunca amanheci na minha vida, nunca, nunca aconteceu isso. (João Batista, ago. 1997)

A partir desse depoimento, vê-se que o trabalho nessa atividade possibilitava a obtenção de bons salários na época, os quais eram usados para viabilizar desejos pessoais como o uso de sapatos importados, ternos de linho e outros artigos, comprados “sem cerimônia, sem pedir favor” nas mais aparelhadas lojas estabelecidas nessa cidade, e propiciar, também, diversos outros prazeres. Desse modo, a constatação de que uma parte dos rendimentos dos trabalhadores negros das sacarias era gasto com roupas

²⁸ Pude levantar que o canguru a que se refere o entrevistado é um sapato importado da Austrália.

²⁹ Nesse momento, o entrevistado esfrega os dedos, num sinal característico da região, que se refere a cédulas de dinheiro.

de linho, mão-de-obra de alfaiates, e outros bens e serviços, contribui para a compreensão dos contornos do universo de relações e dos diversos preceitos sociais urbanos que cercavam os homens e mulheres negros do período. As pessoas possuem as motivações que lhes são próprias.

O senhor João Batista, na atualidade, refletindo sobre os salários pagos, se eram a principal motivação para se trabalhar nessa atividade, revela:

O negócio era carga e descarga que a gente ganhava pa descarregá o caminhão e pa carregá por saco. Intão isso que influía essa negriada daqui que fazia esse serviço porque, um bucado de gente mitido iguali, iguali foi aqui, cê sabe que só aqui mesmo. I, então só através do serviço de sacaria elis dava conta de andá do jeito que elis quiria, qui o que feiz eu í po serviço foi isso também. (João Batista, ago. 1997)

Sobre o comportamento dos demais trabalhadores negros, e a forma como gastavam os rendimentos de seus trabalhos, a citação dos hábitos, do modo de vida de um trabalhador em particular, permite perceber a acentuada preocupação extra-material desses trabalhadores, a compra de sapatos importados, a preocupação com o número de ternos, com qualidade dos tecidos em que eram confeccionados, reveladas anteriormente, evidenciam essa preocupação.

Na atualidade, essa preocupação do passado recente com a imagem pública se faz notar, como revela o entrevistado:

tem o Charqueada que todo mundo só conhece ele por Charqueada, cê sabe quem que é também, foi charqueadero daqueles isquisito também daquela, daquela época, dipois, passô a sê saquero que ele ainda tem uns oitenta e muitos ano e ainda descarrega um caminhão... mora lá na Morada Nova, ainda tinha veiz que ele vinha de a pé da Morada Nova³⁰ pra cá. O ti Charque é o home que já trabalhô,

³⁰ A distância das chácaras Morada Nova até o ponto a que se refere o entrevistado é de aproximadamente 12 quilômetros.

ó eu te falo num é, num é negócio não, aquele home trabalhava setenta hora sem, sem pará, só cumê na hora do cumê e de largá o cumê e í. Setenta hora ele feiz muito depois de véio... o Charqueada era até um tempim desse agora, home que andava co terno e chapéu e sapato, agora que parô, mais até um tempim desse ainda teim preocupação com isso, é, é de visti e calçá bem. (João Batista, ago. 1997)

O entrevistado se refere ao Charqueada, Capitão Charqueada, um dos mais velhos capitães de moçambique da cidade de Uberlândia, infelizmente falecido no ano de 2007. Reverenciado por muitos, foi homenageado há mais ou menos dois anos, como o mais velho capitão ainda em atividade. Pessoa simples, gostava de andar sempre bem vestido e encerra histórias de ter grande capacidade física; é detentor de segredos da Festa do Rosário, que somente os mais antigos conhecem. Personagem emblemático da coletividade negra de Uberlândia, foi também homenageado há alguns anos, pela velha guarda da escola de samba Tabajaras, do bairro Patrimônio, e na última eleição foi estrategicamente escolhido para fazer as vezes de garoto propaganda de um candidato a prefeito.

Por sua vez, a preocupação com a imagem que o falecido Capitão Charqueada traduz era, juntamente com a presença das “funções de preto” do período, elemento constitutivo do modo de vida desse grupo de trabalhadores negros, que também traziam em si uma seqüência de práticas sociais próprias. Desse modo, o ‘Capitão’, associado ao nome do mestre ‘Charqueada’, permite compreender que tanto o trabalho desenvolvido na lida com o charque e seus derivados, pois [...] *foi charqueadero daqueles isquisito [...]*³¹ além de, apesar da idade [...] *ainda descarregá um caminhão [...]*, e a sua participação no interior das comemorações da Festa do Rosário ajudam a caracterizá-lo como um sujeito que, além de se preocupar com a aparência pública, possui um passa-

³¹ O sentido pretendido é enfatizar o quanto o senhor Charqueada trabalhara com um desempenho destacado.

do de trabalho em uma das “funções de preto”. Além disso, pela sua luta em prol da manutenção, respeito e compreensão, como poucos, da importância de Nossa Senhora do Rosário para esse conjunto de homens e mulheres, é detentor de um considerável lugar de destaque no interior de uma geração de homens e mulheres negros.

No conjunto de lembranças das pessoas pesquisadas, a indústria de charque é retratada como uma dentre as que possibilitavam aos trabalhadores negros ali inseridos, numa complexa combinação de fatores e atitudes pessoais, a obtenção de um bom salário. Assim, entende-se que o mercado de trabalho da cidade dispunha de outras colocações para os trabalhadores negros. E que as atividades desempenhadas por esse contingente de pessoas foram, aparentemente, penosas, com alto grau de desgaste físico e, não raro, eram mal remuneradas. Além do que, é possível notar que das demais atividades desse mercado de trabalho para as “funções de preto”, o distanciamento existente não é tão grande, pois são quase todas atividades com salários de pequena monta, marcadas por condições de trabalho difíceis, e poucas possibilidades de assegurarem as condições mínimas de sobrevivência de uma família.

Acreditar que os trabalhadores negros, em um passado recente na cidade de Uberlândia, herdaram, desenvolveram, construíram e transmitiram, durante algum tempo, o saber fazer de algumas poucas atividades do mercado de trabalho, e que esses trabalhadores possuíam, e possuem, uma capacidade de suportar as duras condições de trabalho dessa ou daquela situação. Ou seja, que os trabalhadores negros estariam mais “afeitos” aos trabalhos significativamente mais pesados, é não querer perceber uma combinação da discriminação racial, da tentativa de dominação complexa junto do mercado de trabalho e a falta de um tratamento político social que leve em conta as condições histórico-sociais desses trabalhadores³².

³² Pois historicamente, [...] todas as correntes, grupos ou tendências organizadas no movimento sindical (comunistas, trotskistas, anarquistas, socialistas)

E assim, há nessa seqüência de transmissão de conhecimentos culturais, de técnicas profissionais, de preceitos do relacionamento inter-étnico, outros elementos importantes para se pensar as condições vividas pelo conjunto de homens, mulheres e crianças negros no período. Fica evidenciado também, que esses são instrumentos determinantes de uma prática de relacionamento que possibilita compreender os interesses, as formas de dominação utilizadas por determinados grupos dessa sociedade sobre o trabalho desse contingente de pessoas, mas, sem dúvida, explicitam também, o grau de exploração e desassistência por que passam esses trabalhadores negros.

As funções de preto: família e realizações

No processo de análise, às motivações para se inserirem no conjunto de atividades listadas como “funções de preto” somavam-se elementos diversos, mas ainda parecia carecer de vários outros. Nesse sentido, indaguei aos diversos entrevistados em busca de compreender o que mais faziam com os rendimentos desses trabalhos.

Desse modo, a iniciação ao trabalho, nas “funções de preto” do senhor Adão Rodrigues, morador do bairro Patrimônio, é assim por ele-revelado: [...] *eu comecei trabaíá aos sete anos, aí, aos depois doze anos, aí o ordenado era poquim, aí eu fui pa charqueada [...]*; esse é um momento que permite compreender um pouco da relação existente entre os possíveis bons salários e essa atividade, além de permitir perceber a perspectiva de futuro de muitos desses trabalhadores, naquele período.

Ainda na mesma direção, durante os momentos que marcaram as conversas, nas interlocuções com o senhor João Matinada,

projetavam o mesmo olhar para os trabalhadores brasileiros: homens brancos e europeus. Com isso cristalizou-se e reproduziu-se nas organizações sindicais o mesmo racismo que se engendrara na sociedade como um todo [...] (NOGUEIRA, João Carlos. “A discriminação racial no mercado de trabalho sob a perspectiva sindical”. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 214).

indaguei-lhe acerca do destino dos seus vencimentos, quais eram os seus planos para o futuro, e entre as preocupações com a imagem pública e necessidades materiais inerentes, ele relata que:

comprei meu terreno por deiz conto esse terreno, dava cem mi réis por mês, pa gente pagá isso aqui, pa pagá isso aqui tinha que fazê hora extra, fazia hora extra pa gente tirá o dinheiro pa podê pagá pro dono do terreno, o dinheiro por mês num dava pa pagá não, aí tinha que fazê hora extra, e as veis dava duas semana que não tinha como para, era muito o serviço, nem em casa nós num ia. Nem em casa nós num ia que ficava fazeno hora extra pa podê tirá aquele dinheiro, tirá aquele cem mi réis pa podê pagá. (João Matinada, fev. 1999)

A partir desse e de outros relatos, compreendi que, para muitos trabalhadores negros, a preocupação com a moradia estava presente no momento de planejamento da distribuição dos recursos auferidos e, para isso, o objetivo primeiro era adquirir o terreno e, aos poucos, com a ajuda de outras pessoas, construir a casa. E desse modo o senhor João Matinada adquiriu, à prestação, um terreno, pertencente à família Freitas, que também era proprietária da charqueada e da fábrica de banha onde trabalhou. Passo a passo, esse trabalhador investia o desdobramento de suas energias convertidas em horas extras, ora na charqueada, ora na fábrica de banha, e essa era uma rotina comum à maior parte dos homens negros já casados, ou na iminência de constituírem famílias na época.

Assim, o lar, o abrigo para as pessoas queridas, ocupou um lugar de destaque no leque de objetivos³³ e projetos a serem con-

³³ Conjuntamente com a mulher negra, o trabalhador negro em Uberlândia, nesse período, atuando em algumas das “funções de preto”, objetivando a construção de suas casas, entre outros, acabam contrariando a perspectiva de que [...] não havia incentivos, no caso do negro, para fazer do trabalho assalariado fonte de independência econômica. Não havia motivação para poupança entre os negros. (FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Dominus, 1965. p 35. v 1).

cretizados. Esses e outros projetos dos trabalhadores negros de Uberlândia só poderiam ser materializados dentro do molde que rege e legitima a conduta das pessoas na sociedade ocidental capitalista, ou seja, por meio da inserção no mercado de trabalho, supostamente regido pelo mérito e pela capacidade de cada trabalhador, e como neste caso, da lenta conquista de parcelas do bem desejado.

A trajetória de trabalho do senhor João Matinada no interior de uma charqueada, quando da compra do seu terreno, e as formas das quais lançou mão para viabilizar o pagamento, são reflexos da tentativa, da estratégia desenvolvida por meio de seu trabalho nessa atividade, da construção de segurança para o futuro dos seus e de sua família. Trabalhador da indústria de charque da família Freitas, o senhor João Matinada, e a grande maioria dos trabalhadores em condições similares de inserção e atuação no mercado de trabalho da época, caso desejassem viabilizar a construção de uma residência, teriam que se desdobrar em inúmeros sentidos, primeiro adentrando no mercado de trabalho e suas opções que exigiam vitalidade, destreza e meios para suportar as condições do ambiente de trabalho, e, em seguida, ter a capacidade para, além da jornada normal de trabalho, engajar-se em intermináveis sessões de horas extras, um sem número de sobrejornadas de trabalho para conseguir seu intento.

As estratégias para a conquista do bem desejado, por meio do aumento do salário, submetendo-se ao aumento da jornada de trabalho, ao afastamento da família, mesmo morando próximo da charqueada, permitem perceber a preocupação da pessoa para com o futuro da família, como revela o senhor João Matinada³⁴, uma vez que a Charqueada Triângulo possuía uma colônia para a moradia dos trabalhadores. Mesmo assim, esse senhor optou por construir a casa de sua família fora dos limites da área de concessão da empresa.

Segundo os relatos, os trabalhos nas pedreiras também pos-

³⁴ Entrevista com o senhor João Matinada, no dia 22 de fevereiro de 1999.

sibilitavam aos trabalhadores obter salários que poucas outras atividades permitiriam. No entanto, a atmosfera de trabalho era marcada pelas constantes e rotineiras explosões para a retirada dos blocos de pedra a serem trabalhados; esse e outros fatores acabaram marcando essa atividade por seu conjunto de condições de trabalho extremamente duras e desgastantes, mas que em pouco diferem da maioria das existentes na época.

Ainda, no tocante aos salários dos trabalhadores, indagando ao senhor José Luiz sobre os ganhos dos que atuavam junto ao calçamento das ruas, pergunto como poderia pensar o ganho dessas pessoas, se seriam compatíveis com o ganho de um pedreiro, de um servente de pedreiro, o entrevistado pontua:

serviço de pedra, se mexê com pedra, toda vida ganhô bem mais, a média por dia, nem não alembro (lembro) quanto era o preço por dia, por que era tão pouco que ganhava naquela época, mais sei que ganhava quase dobrado do dia que o pessoal ganhava por aí.
(José Luiz, fev. 1999)

A questão salarial surge como um elemento de destaque nas lembranças do senhor José Luiz, assim como a comparação com os outros salários pagos na época. Uma das motivações de trabalhar nessa atividade relacionava-se ao fato de que os trabalhadores negros, ali atuando, poderiam ganhar melhor que em outras atividades do período.

Nessa mesma direção, revela o senhor João Batista acerca das motivações de se trabalhar na época nas máquinas de arroz:

A máquina de arroz conquistô muita gente, sabe por causa de quê? Por causa de dinheiro... Então, a gente impregava na máquina de beneficiá arroz pa ganhá um salário mínimo, naquele tempo, quando eu comecei, num sei se a treis e num sei o quatro ou cinco mil e num sei o quê, cinco e trezento parece, num sei, acho que essa base assim. Então aquele dinheiro a gente nem num, num contava cum ele... aonde a gente trabalhava em máquina era por causa disso... aquele salário da gente, a gente num contava com

aquilo, ficava preocupado com aquilo não, falava, tal dia eu vô recebê aquele dinheiro num valia nada não. Dinheiro de salário num valia nada não. (João Batista, ago. 1997)

A possibilidade de conseguir, na virada de cada mês, um rendimento salarial como poucos trabalhadores, contribuiu para a compreensão do relato anterior, acerca do salário efetivo dessa atividade de carga e descarga junto às máquinas de beneficiar arroz, e dos pagamentos proporcionais a essa movimentação de cargas, e do pouco caso desses trabalhadores com a quantia que os proprietários desses estabelecimentos, os contratantes, lhes pagavam.

De modo geral, as atividades junto às “funções de preto” desempenhadas, em um período da história do relacionamento trabalhista, de maneira pormenorizada, mas com implicações a todas as esferas das relações sociais daquela conjuntura, dentre outros, possibilitaram a um amplo conjunto de homens negros e suas famílias o diálogo, a busca, e em alguns casos a conquista da materialização de convicções de uma geração.

Em contato direto com as possibilidades de trabalho, com a leitura, com a compreensão das possibilidades outras, e com a estratégia tecida, para se chegar onde se deseja, aquelas pessoas lançaram mão de artifícios diversos, para lidar com as condições de trabalho e das demais relações sociais de uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais, tais como sobre-jornada de trabalho e horas extras, leitura das personalidades dos colegas e dos proprietários dos empreendimentos empregadores, dentre outros modos de auferir melhores rendimentos e propiciar às suas famílias a obtenção dos meios para a manutenção da vida, vida em sua plenitude, combinada com prazeres, desejos, satisfazendo algumas vontades possíveis, mas em perfeita sintonia com o conjunto de preceitos que marcam o modo de ser dessas pessoas.

Esse conjunto de atividades, composto pelos trabalhos junto às charqueadas e ao frigorífico Caiapó, ao calçamento das ruas, ao trabalho nas pedreiras, à lida nas sacarias, e as atividades nas máquinas de beneficiar arroz são lembradas pelas mais variadas

razões que fazem os homens de uma geração trabalhar em uma sociedade, inclusive o diálogo primeiro com as possibilidades do ganho econômico no seu interior. E assim, a possível explicação para a presença do trabalhador negro nessas atividades, devido às suas características duras de trabalho, ou à pouca capacidade de lidar com a competitividade das relações capitalistas desse mercado de trabalho, não se sustentam diante da perspectiva contida em atividades que bem remuneravam os trabalhadores ali inseridos.

A busca por melhores salários nessa atividade e o aglutinar de trabalhadores negros no seu interior possibilitam pensar na capacidade e na habilidade desses trabalhadores e de sua inserção no mercado de trabalho uberlandense. Grande parte dessas mesmas pessoas está envolvida com as práticas e sentidos sociais contidos nas Celebrações de Nossa Senhora do Rosário, sabido instrumento de transmissão de princípios e sentidos sociais importantes para um grupo de homens e mulheres na sociedade brasileira. De volta ao mercado de trabalho mineiro, e as referências de um grande número de entrevistados, durante algum tempo, as atividades junto às lembradas “funções de preto” permitem pensar numa complexa combinação de atitudes e posições sociais de sujeitos que viveram e trataram uma condição vivida.

As escolhas, as análises e a capacidade de posicionamento desses homens e mulheres junto às possibilidades de trabalho, e de encaminhamento das mais diversas questões sociais que movem as pessoas num período como o exposto neste artigo, encerram possibilidades de compreensão diversas.

Os homens e mulheres que se reportam às “funções de preto” lançam um belo desafio, num momento em que a compreensão das relações de trabalho pareciam pautadas pela indiferença dos envolvidos. De um lado, a preocupação com a exploração, de outro, as incessantes tentativas de construção de mecanismos de vivências e de melhoria das condições de vida dos envolvidos. De modo a ainda ser aprofundado, tem-se que as relações de trabalho, na cidade de Uberlândia, dos anos finais da década de 1930 à chegada dos anos de 1970, deixaram clara a capacidade de

alinhar grupos étnicos, culturais e/ou com características físicas fáceis de se identificar³⁵.

Os homens e mulheres pesquisados revelaram, por meio da análise de suas lembranças, de suas recordações individuais, que se somam e assemelham-se em diversos pontos, uma capacidade de transmitir saberes diversos, dentre eles, os profissionais que lhes permitissem atuar nessas atividades tidas, nos dias atuais, como o movimento da memória como as “funções de preto”.

Desse modo, afirmar que, diante do preconceito e discriminação que se manifestam em formas variadas, valia-se da presença do trabalhador negro, possivelmente em muitos outros locais, demanda investigação. Em especial, na cidade de Uberlândia, com base nas análises dispostas acima da presença do trabalhador negro junto às atividades descritas, compreende-se que a ausência do trabalhador não negro nesses postos de trabalho pode conter elementos que passam pela capacidade de uso das condições do próprio espaço de trabalho, ao menos em alguns momentos, a seu favor.

Os homens, mulheres e crianças que compõem as comemorações da Festa de Nossa Senhora do Rosário, são os mesmos que, no dia-a-dia, não se percebiam em muitas outras partes da

³⁵ Na região do Triângulo Mineiro esta não é a primeira movimentação social em que as características culturais, hábitos alimentares, opções de música, dentre outros do grupo ficam bem delineados. Os apontamentos da pesquisadora, citada a seguir, embora não fosse esta a preocupação de sua reflexão, somam-se aos apontamentos anteriormente feitos. A grande concentração de nordestinos em cidades como Campina Verde, Ituiutaba, Capinópolis, dentre outros, encerram elementos sociais a serem melhor compreendidos. O impacto, as escolhas e as razões das escolhas de homens e mulheres podem ser compreendidos de forma que as opções desses sujeitos sociais sejam pensadas, levando em consideração as posições destas pessoas. A proposição ainda não foi feita, para a cidade de Ituiutaba, e importantes aspectos da forma como as pessoas voltam-se para o período em que a imigração nordestina marcou o município, ver: SILVA, Dalva Maria Oliveira. *Memória: lembrança e esquecimento: trabalhadores nordestinos do Pontal do Triângulo Mineiro, nas décadas de 1950/1960*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

cidade de Uberlândia. Entre outros, não se viam nos postos de trabalho, supostamente disponíveis às disputas empregatícias “capitalistas” em determinadas áreas desta localidade. Por certo que aquelas pessoas negras com suas famílias, para tomarem parte daquelas comemorações da Festa do Rosário, bem como para morarem em Uberlândia, custear a vida no meio urbano, necessitariam trabalhar para se manterem.

As relações sociais da cidade de Uberlândia parecem, mas não são harmoniosas. E em um olhar mais detido, apenas na dimensão do trabalho, percebe-se que, mesmo as vagas de balconistas, vendedores, caixas bancários, faxineiros e outros do centro de Uberlândia, praticamente não são ocupadas por trabalhadores negros. A ligação entre o mercado de trabalho e a etnia dos grupos urbanos é marcada por complexas relações. E os estudos sobre os trabalhadores urbanos têm dado pouca atenção à questão étnica e racial, privilegiando antes a noção de classe, que ao invés de ficar de fora da problemática, soma-se imbricando ainda mais a questão.

As anuais Celebrações de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Uberlândia e a multiplicidade dos valores e enfoques presentes, próprios de cada cultura, do modo de vida dos envolvidos no mesmo processo, permitem pensar que os códigos e os significados elaborados de cada grupo são variados e os sentidos atribuídos, às vezes, ao mesmo evento, quase sempre são infinitos e distintos³⁶. E mais, na maioria das vezes, de difícil precisão para quem está fora das motivações e pressões sofridas.

A pesquisa acerca das “funções de preto” revelou um complexo quadro em que se desenha a capacidade de um grupo de

³⁶ Nesta direção, a profusão de sentidos e a disposição de política, contidos nas práticas sociais brasileiras, insistem em denunciar o descompasso social em que vivem as diferentes compreensões do viver e de ser que compõem a sociedade brasileira. A respeito das variadas posições uberlandenses, para algumas poucas posições claramente externadas a respeito da presença das Celebrações de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Uberlândia ver: GORI, Rodrigo; SARAIVA, Cristiano. *Jornal Correio do Triângulo*, Uberlândia, 20 nov. 1993, p. 12.

lidar com as condições sociais do mercado de trabalho da cidade de Uberlândia, em proveito próprio, delineado a partir de uma combinação de elementos que passam pela capacidade de leitura das possibilidades, e fundamentação da busca das conquistas e anseios de um tempo, coisas sobre as quais não compete julgamento fácil de ninguém, menos aos olhares rápidos das gerações futuras que se reportam ao passado e não conseguem respeitar as escolhas e envolvimento de uma população que deu tratos às questões de seu tempo.